



Observatório
Político e Eleitoral

monitoramento eleitoral 2024

BOLETIM IV



**RIO DE JANEIRO
& SAO PAULO**

INTERIOR

opelbrasil.com



EXPEDIENTE

Coordenação:

JOSUÉ MEDEIROS (UFRJ E UFRRJ)
RENNAN PIMENTEL (IESP/UERJ)
MARIA CAROLINA BARRETO (IESP/UERJ)

Projeto gráfico e diagramação

RENNAN PIMENTEL (IESP/UERJ)

Autores:

CLEBER VICENTE GONÇALVES
DOUGLAS MARQUES
LUCAS STELLING
MÔNICA LOPES GONÇALVES
PAULO REIS
TAYNÁ LIMA PAOLINO
VICTOR ESCOBAR DAVID

Sumário

RJ

Baixada Fluminense

NITERÓI	4
SÃO GONÇALO	5
MARICÁ	7
ITABORAÍ	8

Baixada Fluminense

BELFORD ROXO	12
DUQUE DE CAXIAS	13
MAGÉ	14
NOVA IGUAÇU	15
SÃO JOÃO DE MERITI	16

Região Serrana

PETRÓPOLIS	20
NOVA FRIBURGO	22
TERESÓPOLIS	22
CACHOEIRAS DE MACACU	23
GUAPIMIRIM	23

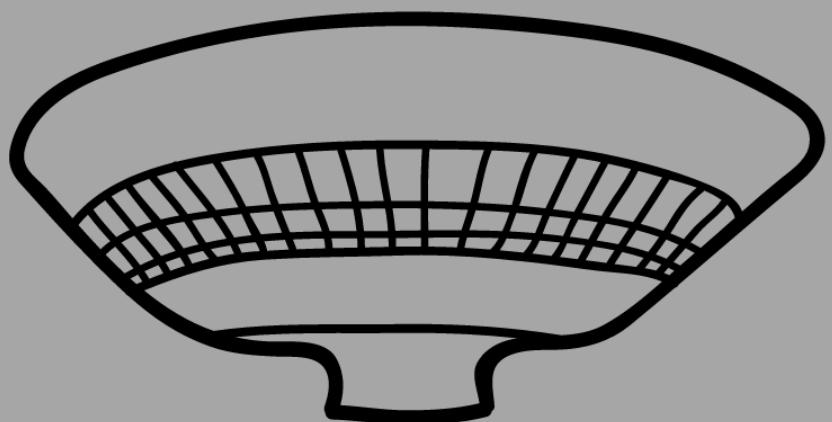
SP

Grande São Paulo

GUARULHOS	26
SÃO BERNARDO DO CAMPO	28

LESTE METROPOLITANO

NITERÓI, MARICÁ, SÃO GONÇALO
E ITABORAÍ



Tayná Lima Paolino¹

Este boletim final oferece uma análise dos resultados eleitorais em quatro cidades do Leste Fluminense: Niterói, São Gonçalo, Maricá e Itaboraí. Após meses de acompanhamento das campanhas e do cenário político local, as projeções discutidas anteriormente foram confirmadas nas urnas. As disputas nas cidades analisadas revelaram um padrão notável: onde o Partido dos Trabalhadores (PT) ou uma candidatura progressista estava bem posicionada, o principal desafiante era do Partido Liberal (PL). E, onde o PL consolidava uma candidatura competitiva, o PT representava a oposição mais relevante.

Em São Gonçalo e Itaboraí, o primeiro turno consolidou a força do PL, com vitórias expressivas dos prefeitos Capitão Nelson e Marcelo Delaroli. Ambos garantiram suas reeleições com uma ampla margem de votos, refletindo uma aprovação significativa de suas gestões e o fortalecimento do bolsonarismo na região. O resultado contrasta com a eleição anterior em São Gonçalo, onde a disputa foi mais acirrada, demonstrando a consolidação de Nelson no cenário político local. Em Maricá, o PT manteve sua hegemonia com a eleição de Washington Quaquá, reafirmando um projeto que já conta com 16 anos de continuidade e apoio popular, especialmente pelas políticas sociais implementadas ao longo de suas gestões. A oposição do PL, embora distante em

¹ Doutoranda em Ciências Sociais na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

termos de votação, conseguiu uma projeção maior do que nas eleições anteriores, confirmando o partido como o principal antagonista na cidade.

A cidade de Niterói apresentou um cenário mais dinâmico, com a disputa entre Rodrigo Neves (PDT) e Carlos Jordy (PL) avançando para o segundo turno. Neves, apesar de contar com um histórico de vitórias e o apoio de uma ampla frente de partidos de centro e esquerda, não conseguiu vencer no primeiro turno. A crescente popularidade de Jordy, representante do bolsonarismo, mostra que o PL encontrou uma base conservadora em Niterói, uma cidade historicamente progressista, desafiando a hegemonia da esquerda. Esse embate entre Neves e Jordy no segundo turno ilustra a polarização crescente em um reduto tradicionalmente de centro-esquerda.

Niterói

Em Niterói, Rodrigo Neves (PDT) ficou muito próximo de vencer no primeiro turno, obtendo 48,47% dos votos, enquanto Carlos Jordy (PL) alcançou 35,59%. A candidata Talíria Petrone (PSOL) seguiu na terceira posição com 12,65%, desempenhando um papel crucial para que a eleição se encaminhasse ao segundo turno, dado que, conforme destacamos nos boletins anteriores, um grupo de petistas dissidentes apoiava a sua candidatura. Outros candidatos, como Bruno Lessa (Podemos) com 3,14%, Danielle Bornia (PSTU) com 0,07%, e Alessandra Marques (PCO) e Guilherme Bussinger (Mobiliza), ambos com 0,04%, completaram o cenário da primeira fase da disputa.

No segundo turno, houve uma intensa busca por apoios, em que ambos os candidatos articularam alianças estratégicas. Logo após o resultado, Talíria Petrone declarou apoio a Rodrigo Neves e participou ativamente de sua campanha nas ruas, dificultando a posição de Jordy. O candidato do PL, por sua vez, viajou a São Paulo em busca de suporte do governador Tarcísio de Freitas e

seguiu com sua estratégia de omitir publicamente qualquer vínculo direto com Jair Bolsonaro em suas redes sociais.

Rodrigo Neves, por outro lado, ampliou seu arco de alianças com o apoio de Eduardo Paes e de figuras influentes, como as deputadas federais Jandira Feghali (PCdoB), Benedita da Silva (PT), entre outras, e os deputados federais Dilmas Gadelha (PT), Pedro Paulo (PSD), entre outros. Essas articulações buscavam o voto de uma base progressista, que foi de Talíria Petrone no primeiro turno e fortaleceram sua campanha na reta final.

Rodrigo Neves venceu o segundo turno com 156.067 votos válidos (57,20%), superando Carlos Jordy, que recebeu 116.796 votos (42,80%). Houve também 5.707 votos em branco (1,97%) e 11.227 votos nulos (3,87%). A abstenção foi significativa, atingindo 120.235 eleitores (29,32%) que não compareceram às urnas. Curiosamente, o número de abstenções foi maior que a votação total de Jordy, indicando uma tendência de abstenção, que já havia se manifestado no primeiro turno, quando mais de 102 mil eleitores não votaram.

A vitória de Rodrigo Neves não apenas marca a continuidade de uma gestão progressista em Niterói, mas também reflete a habilidade do candidato em mobilizar uma frente ampla de apoio para manter a cidade alinhada ao campo progressista em um cenário de crescente polarização regional.

São Gonçalo

Em São Gonçalo, Capitão Nelson (PL) consolidou sua liderança ao ser reeleito com 84,49% dos votos válidos, somando 387.914 votos. O resultado expressivo, conquistado já no primeiro turno, confirma a aprovação de sua gestão e seu status como principal liderança política da cidade. A reeleição com essa margem ampla marca uma virada em relação a 2020, quando a vitória foi garantida por uma margem de apenas 1,58% dos votos, num segundo turno

acirrado contra Dimas Gadelha (PT). Esse crescimento reflete o trabalho e as alianças firmadas por Nelson ao longo de seu mandato.

A candidatura de Dimas Gadelha (PT), por outro lado, teve desempenho bem inferior ao esperado. Com apenas 10,55% dos votos (48.457 votos), Gadelha ficou muito aquém da votação de 2020, quando liderou as pesquisas iniciais e perdeu por uma diferença de menos de 2% no segundo turno. Mesmo com o apoio do ex-presidente Lula e de figuras influentes do campo progressista, a campanha de Gadelha enfrentou dificuldades para se consolidar nesta eleição. A chapa de Gadelha contava ainda com Aparecida Panisset (PDT), ex-prefeita de São Gonçalo e única reeleita na história da cidade, como sua vice, uma tentativa de mobilizar o eleitorado em torno da experiência e do histórico de liderança local. Contudo, nem mesmo essa aliança foi suficiente para alavancar a candidatura, refletindo o descontentamento do eleitorado com a oposição neste ciclo eleitoral.

Uma das estratégias de Capitão Nelson foi evitar uma associação explícita com Jair Bolsonaro em suas redes sociais e discursos, uma abordagem parecida à adotada por Carlos Jordy (PL) em Niterói, mas diferente de Fabinho Sapo (PL) em Maricá. Ao focar em uma campanha voltada para o trabalho realizado em São Gonçalo, Nelson ampliou seu apelo entre eleitores moderados, conquistando apoio além da base bolsonarista. Essa estratégia de campanha, centrada em realizações locais, foi bem-sucedida nacionalmente, e tem impacto nas eleições do Leste Fluminense.

Dimas Gadelha, por outro lado, apostou fortemente no vínculo com Lula, utilizando a imagem do presidente em sua campanha e investindo na narrativa de continuidade dos projetos progressistas para São Gonçalo. No entanto, o campo progressista teve dificuldade em reverter o apoio popular conquistado por Capitão Nelson ao longo dos últimos anos. A eleição de 2024 destacou um cenário onde a continuidade administrativa foi preferida, com uma rejeição à

oposição que tentou resgatar a competitividade de 2020. A ampla vitória de Capitão Nelson evidencia a força da sua liderança e uma preferência do eleitorado pela estabilidade e continuidade de um governo bem avaliado.

Maricá

Washington Quaquá (PT) foi eleito prefeito de Maricá com 73,74% dos votos válidos, totalizando 91.789 votos. Sua vitória reafirma a hegemonia do PT na cidade, que já dura 16 anos, consolidada por meio de políticas públicas inovadoras e bem avaliadas. Durante sua gestão anterior e a de seu sucessor, Fabiano Horta, Maricá se tornou referência em programas de transferência de renda, como a moeda social Mumbuca, e em iniciativas de mobilidade urbana, como os "vermelhinhos", ônibus gratuitos que promovem a integração entre os bairros.

A eleição de Quaquá representa também a continuidade de uma coligação robusta que inclui o PDT, PSD, Avante, a Federação PSDB Cidadania e a Federação Brasil da Esperança (PT/PCdoB/PV). Essa ampla aliança reflete o sucesso do projeto petista em Maricá e a aceitação das pautas progressistas que foram implementadas nas últimas gestões. A candidatura de Quaquá, por sua trajetória de liderança e sua associação direta com o presidente Lula, fortaleceu ainda mais o alinhamento do município com o campo progressista nacional, tornando Maricá um importante reduto da esquerda no Leste Fluminense.

Apesar da vitória significativa de Quaquá, a candidatura de Fabinho Sapo (PL) apresentou um desempenho surpreendente, alcançando 22,3% dos votos (27.755 votos). Embora não tenha ameaçado diretamente a liderança de Quaquá, Fabinho Sapo conseguiu consolidar o PL como principal oposição na cidade, registrando uma votação consideravelmente maior do que a obtida pela oposição nas eleições anteriores. Em 2020, o candidato do PT, Fabiano Horta, foi reeleito com 88,09% dos votos, enquanto o segundo colocado, Ciro Fontoura

(Republicanos), obteve apenas 5,8%. Esse crescimento da oposição, mesmo que ainda distante da vitória, aponta para uma possível consolidação do PL como o principal partido de oposição em Maricá.

O desempenho de Fabinho Sapo surpreendeu, pois as pesquisas iniciais indicavam que ele teria cerca de 7% dos votos. Esse resultado mostra que o PL conseguiu aumentar sua visibilidade e atrair eleitores insatisfeitos com o projeto petista, ainda que essa parcela seja minoritária. A eleição de 2024 demonstra que, embora o PT mantenha seu domínio em Maricá, o PL começa a ganhar espaço como uma alternativa viável para eleitores mais conservadores, estabelecendo-se como a oposição mais bem posicionada para futuras disputas.

Itaboraí

Em Itaboraí, Marcelo Delaroli (PL) foi eleito prefeito com uma expressiva votação, obtendo 93,79% dos votos válidos , 116.713 votos. Sua vitória esmagadora confirma sua popularidade e influência política na cidade, onde conseguiu capturar quase a totalidade dos votos, deixando seu oponente, Dias do PT, com apenas 6,21% (7.732 votos). Essa margem de vitória é um reflexo direto da força consolidada de Delaroli e sua família.

Durante a campanha, Marcelo Delaroli estreitou publicamente seus vínculos com Jair Bolsonaro, realizando caminhadas ao lado do ex-presidente e explorando a popularidade de Bolsonaro na região. Essa estratégia de campanha, que incluía a exaltação de valores conservadores e o fortalecimento da segurança pública, ressoou positivamente com a base bolsonarista da cidade, contribuindo para ampliar seu apoio entre eleitores que buscavam uma liderança alinhada aos ideais do ex-presidente. A aliança entre Delaroli e Bolsonaro se mostrou fundamental, consolidando Itaboraí como um dos redutos bolsonaristas no Leste Fluminense.

O fortalecimento da família Delaroli na política local também foi evidenciado com a eleição de João Delaroli, filho de Guilherme Delaroli, deputado federal. João foi o vereador mais votado da cidade, o que não apenas demonstra a popularidade do clã Delaroli, mas também solidifica sua influência na política de Itaboraí. A presença de membros da família Delaroli em cargos públicos de destaque confere ao grupo um poder significativo na definição das políticas locais, criando uma rede de apoio institucional que facilita a implementação dos projetos e agendas defendidos por Marcelo Delaroli na prefeitura.

Além de liderar a administração municipal, Marcelo Delaroli é atualmente o presidente do Consórcio Intermunicipal de Desenvolvimento do Leste Fluminense, uma entidade que reúne diversas cidades da região para coordenar e executar políticas públicas de interesse comum. Essa posição estratégica amplia o alcance de Delaroli para além de Itaboraí, permitindo-lhe influenciar o desenvolvimento regional e fortalecer parcerias com outros municípios. Seu vice-presidente no consórcio é Axel Grael, ex-prefeito de Niterói, que, apesar de representar um campo político mais progressista, coopera com Delaroli em pautas de infraestrutura e desenvolvimento.

Em suma, o resultado eleitoral de Itaboraí consolida Marcelo Delaroli como uma liderança central no Leste Fluminense, com uma base de apoio sólida tanto na cidade quanto na região. A estrutura de poder da família Delaroli e a presidência do consórcio intermunicipal posicionam Marcelo Delaroli para desempenhar um papel de destaque na política regional nos próximos anos, reforçando sua capacidade de influência sobre questões que transcendem Itaboraí. Essa consolidação não apenas reflete o cenário político local, mas também sinaliza um caminho de fortalecimento do conservadorismo na região, liderado pela figura de Delaroli e sua família.

Conclusão

Este boletim destaca que as eleições no Leste Fluminense refletiram uma dinâmica competitiva entre o PL e o PT, onde ambos se consolidaram como forças políticas principais, cada um desafiando o outro de acordo com o contexto local. Enquanto o PL emergiu como a principal oposição em redutos do PT e vice-versa, os resultados reforçam a importância das bases locais, confirmando que o cenário eleitoral na região, preferiu pela continuidade e consolidação das lideranças vigentes. Em Niterói e Maricá venceu o campo progressistas e em Itaboraí e São Gonçalo o campo conservador.

BAIXADA FLUMINENSE

BELFORD ROXO, DUQUE DE CAXIAS, NOVA IGUAÇU, MAGÉ E SÃO JOÃO DE MERITI



Mônica de Moraes Lopes Gonçalves²

Victor Escobar David³

Neste boletim será apresentado o resultado do monitoramento das eleições municipais nos cinco municípios da Baixada Fluminense que possuem mais de 200 mil eleitores: Belford Roxo, Duque de Caxias, Magé, Nova Iguaçu e São João de Meriti.

Belford Roxo

A pesquisa IPEC, divulgada em 27/09/2024, trouxe um cenário fiel de quem venceria a eleição para prefeito de Belford Roxo. Márcio Canella liderou a pesquisa com 52% das intenções votos, seguido pelo candidato Matheus do Waguinho, que apareceu com 27%. Os demais candidatos juntos somaram 5%, enquanto 9% declararam que votariam em branco ou anulariam o voto.

A eleição de Belford Roxo contou com uma abstenção de 22%. Ao todo foram computados 267.977 votos com um excelente índice de participação dos eleitores. No caso da eleição para prefeito, apenas 7,89% votaram em branco ou nulo. No resultado final observamos que os dois candidatos que lideraram as pesquisas polarizaram a votação. Matheus do Waguinho (Republicanos), sobrinho do atual prefeito, tinha o apoio do Presidente Lula (PT), e conseguiu alcançar 86.887 votos (35,2% dos votos válidos). Já Márcio Canella (União) que apesar de ter apoiado Bolsonaro em 2022, explorou em sua campanha o apoio

² Doutoranda em Ciências Sociais (UFRRJ)

³ Mestre em Sociologia Política (IUPERJ/UCAM)

do governador Cláudio Castro (PL), e conseguiu 155.229 votos (62,88% dos votos válidos). Vinicius Cranio (PSOL) e Assis Freitas (PSB) tiveram votações muito pequenas, ficando com 1,09% e 0,83% dos votos válidos, respectivamente.

O primeiro abalo entre a relação de Waginho e Canella foi no segundo turno das eleições de 2022 para a Presidência da República. Enquanto Canella pedia votos para Bolsonaro, Waginho apoiou a candidatura de Lula. Na sequência, Canella que foi o deputado estadual mais votado, trabalhava por sua indicação à presidência da ALERJ, o que não aconteceu devido a um atrito na composição do União Brasil, que era naquele momento presidido por Waginho. O rompimento definitivo entre os antigos aliados se deu quando Waginho indicou como pré-candidato à sucessão o seu sobrinho, Matheus Carneiro, iniciando uma fratura nos poderes constituídos em Belford Roxo. A câmara dos vereadores se dividiu entre Waginho e Canella, com alguns episódios de confrontos acalorados na casa. A vitória de Canella representa um sinal positivo para o grupo político de Rodrigo Bacellar, presidente da ALERJ que tem sido cotado para disputar o governo do estado em 2026.

Duque de Caxias

Em Duque de Caxias apenas quatro candidatos concorreram ao cargo de prefeito. A campanha se iniciou com maioria das intenções de votos para Zito (PV), com 40%. Na mesma pesquisa, conduzida pela Quaest e divulgada em 20 de junho deste ano, Netinho Reis (MDB) apareceu com 23% das intenções de voto e Celso do Alba (União Brasil) com 8%. Uma segunda pesquisa, do mesmo instituto, divulgada em 25/07 mostrava percentuais muito próximos, com a diferença da inclusão da testagem do candidato Wesley Teixeira (PSB), que teve 2% das intenções de votos.

O resultado final inverteu a posição dos dois primeiros candidatos, inaugurando a vitória em primeiro turno de um estreante no cargo.

Compareceram 515.350 eleitores, dos quais apenas 12,5% anularam ou votaram em branco para o cargo de prefeito. Netinho Reis (MDB) obteve 243.850 votos, representando 54,08% dos votos válidos. Zito (PV) alcançou 127.399 votos (28,25%), Celso do Alba (União) teve 56.352 (12,50%) e Wesley Teixeira (PSB) ficou com 23.329 (5,17%).

A vitória de Netinho vai dar início ao terceiro mandato consecutivo de um membro da família Reis no município. Ao todo cinco integrantes da família possuem carreira política em Duque de Caxias seguindo o líder Washington Reis, que já foi prefeito por três mandatos, além de vereador, deputado estadual e deputado federal. Além do sobrinho Netinho Reis, já venceram alguma eleição com os votos caxienses o tio Wilson, que concorreu como vice-prefeito em 2020, os irmãos Júnior Reis, vereador que em 2025 iniciará seu oitavo mandato na Câmara de Vereadores de Duque de Caxias, Gutemberg Reis, em seu segundo mandato como deputado federal e Rosenverg Reis, que está no quarto mandato como deputado estadual, e é o irmão mais articulado entre os três.

O resultado consolida a força dos Reis em Duque de Caxias, que é um município estratégico para a ampliação do poder de Washington Reis no cenário estadual, visto que é o segundo maior colégio eleitoral e uma das maiores economias do estado. Para alcançar a vitória, a maior força bolsonarista da Baixada precisou de muito reforços de aliados. Mesmo tendo uma grande rejeição no eleitorado, o candidato apoiado pelo PT, o ex-prefeito Zito (PV), conseguiu retornar com força ao cenário político do município. O pleito municipal permite antever os desafios que as forças de esquerda do segundo maior estado eleitoral do estado enfrentarão nas próximas eleições.

Magé

Em Magé, as forças que abraçaram a retórica bolsonarista sofreram uma derrota acachapante. A visita de Flávio Bolsonaro na fase do início da campanha

foi o único evento que contou com a presença de um membro do clã Bolsonaro. A vitória de Renato Cozzolino já era previsível, deixando esvaziada a campanha de seu oponente Ricardo da Karol.

No município, participaram da eleição 154.912 eleitores, com uma abstenção de 23% dos eleitores cadastrados. Dos votos para o cargo de prefeito, apenas 8,41% foram brancos ou nulos. Renato Harb Cozzolino (PP) foi reeleito com 88,74% dos votos válidos, com um total de 125.902 votos. Atrás dele ficaram Ricardo da Karol (PL), com 12.146 votos (8,56%), Davi Souza (Rede), com 3.002 votos (2,12%) e Walter Barbosa (PSB), com 827 votos (0,58%).

A família Cozzolino tem sua base eleitoral em Magé desde os anos 1980. Já foram prefeitos Renato Cozzolino (avô), Renato Sobrinho, Charles Cozzolino, Núbia Cozzolino (PMDB), Anderson Cozzolino, e atualmente Renato Cozzolino, que tem sua irmã Jane como vice.

Nesta eleição pela primeira vez foi necessário um candidato à prefeitura obter a maioria absoluta dos votos, pois havia mais de 200 mil eleitores cadastrados, o que foi facilmente alcançado por Renato Cozzolino, do PP, que teve em sua coligação os partidos MDB, Agir, Solidariedade, Federação Brasil Da Esperança (PT /PCdoB/PV). A vitória no município fortalece o grupo político liderado pelo deputado federal Dr. Luizinho, do qual Cozzolino é aliado.

Nova Iguaçu

A primeira pesquisa realizada em Nova Iguaçu foi promovida pela Quaest, e divulgada em junho, mostrava um cenário de 90% de indecisão dos eleitores, e trazia um cenário de empate técnico entre Clébio Lopes Jacaré (União Brasil) e Tuninho da Padaria (PT), ambos com 18%, e Dudu Reina (PP), com 13% das intenções de voto. Ao longo da campanha Dudu Reina (PP) conseguiu ultrapassar os demais candidatos, demonstrando chance de vitória já no primeiro turno. A pesquisa divulgada no dia 02 de outubro, pelo Ipec, trouxe Dudu Reina com 53%

das intenções de voto, Clébio Lopes Jacaré (União Brasil) ficou com 15% e Tuninho da Padaria com 9%.

A vitória de Dudu Reina (PP) se deu com larga vantagem, tendo o candidato alcançado 74,77% dos votos válidos (292.459 votos). Em segundo lugar, Clébio Lopes Jacaré (União Brasil) teve sua candidatura anulada em razão de decisão judicial acerca das condições de elegibilidade no registro de candidatura. Ainda assim, o resultado apresentado pelo TSE mostra que recebeu 14,38% dos votos válidos (56.239 votos). Tuninho da Padaria (PT) ficou em terceiro lugar, com 6,02% dos votos (23.555). Iza Dutra (Novo) recebeu 12.211 votos (3,12%), Dr. Leonardo Mazzutti (Rede) obteve 3.499 votos (0,89%) e o ex-prefeito Aluísio Gama conseguiu 3.166 votos (0,81%). No município houve uma abstenção de 24,71%, tendo sido apurados 465.064 votos, dos quais 15,9% dos votos para o cargo de prefeito foram em branco ou nulo, sendo a menor taxa de participação da Baixada Fluminense.

Nova Iguaçu é o quarto maior colégio eleitoral do estado do Rio de Janeiro, e possui atores políticos influentes na política estadual. O principal é o deputado federal Dr. Luizinho (PP), do mesmo partido do atual prefeito, e do candidato eleito, Dudu Reina, que tem como vice-prefeita a Dra Roberta Teixeira, irmã de Luizinho. Desta forma, este grupo político mantém o poder no município, o que pode favorecer as estratégias para a próxima eleição geral, tanto no âmbito estadual quanto nacional.

São João de Meriti

A disputa para o cargo de prefeito em São João de Meriti foi a mais acirrada dos municípios aqui monitorados. As pesquisas apresentavam divergência na posição de liderança das intenções de voto. A decisão, que seria adiada para o segundo turno, foi definida no primeiro turno após uma revisão na totalização dos votos a pedido da coligação do candidato Léo Vieira. Depois da

decisão judicial, os 2.684 votos destinados ao Professor Joziel (DC) foram anulados devido à irregularidade na inscrição da chapa, o que alterou a proporção dos votos válidos. Desta forma Léo Vieira (Republicanos) venceu a disputa com os 122.399 votos, alcançando 50,36% dos votos válidos. O candidato do partido de Bolsonaro, Valdecy da Saúde (PL) alcançou 33,37% dos votos válidos (81.102 votos). Nas últimas posições ficaram Marcos Muller (PMB) com 12,42% dos votos (30.189), Juliana Drummond ficou com 3,35% (8.131 votos) e Elvis Silva (Novo) obteve 0,5% dos votos (1.223 votos)

A abstenção computada foi de 25%. Compareceram nas urnas 279.990 eleitores, dentre os quais 13,19% votaram em branco ou anularam o voto.

Léo Vieira disputou a prefeitura de São João de Meriti pela segunda vez. Sua trajetória política se iniciou em 2012 quando disputou a eleição para vereador do município. Sua primeira vitória foi em 2016, quando foi o quinto mais votado no município, e nas eleições seguintes foi eleito deputado estadual, em 2018 e 2022.

Apesar de utilizar uma retórica bolsonarista, tendo no início de sua trajetória ligação com o Movimento “Escola Sem Partido”, o candidato recebeu apoio do presidente do Republicanos, o prefeito Waguinho, um dos poucos prefeitos aliado de Lula na Baixada Fluminense.

Conclusão

A Baixada Fluminense detém aproximadamente 22% da população do estado e é parte importante da economia do Rio de Janeiro. O controle das bases eleitorais nestes municípios que circundam a capital são elementos chave para a conquista ou manutenção do poder na política estadual e nas possibilidades de articulações partidárias a nível nacional. As vitórias nos municípios poderão ser aproveitadas nas próximas eleições gerais.

Washington Reis foi vitorioso em sua base eleitoral, mas sofreu derrota em suas tentativas de articulação na região. Na posição de presidente estadual do MDB, Reis se movimentou para impedir que o diretório municipal apoiasse a candidatura de Márcio Canella, em Belford Roxo, em retaliação ao apoio a uma candidatura do União Brasil em Duque de Caxias. Washington fracassou também na tentativa de construir uma candidatura bolsonarista forte em São João de Meriti. Seu partido, o MDB, não se coligou com o candidato do PL de Bolsonaro, mas com Léo Vieira, que teve apoio do prefeito Waguinho (Republicanos), que é aliado de Lula.

Dr. Luizinho saiu vitorioso em Nova Iguaçu e Magé, conseguindo manter o poder do partido nos dois municípios. Em ambos municípios, as forças bolsonaristas não conseguiram muito espaço, apesar de terem sido locais que deram vitória a Bolsonaro em 2022. Em Nova Iguaçu a presença do ex-presidente não foi acionada, nem sua imagem explorada nas eleições municipais. Em Magé o partido rivalizou com o PL e o candidato bolsonarista foi derrotado.

Outro grande player na política estadual, o presidente da ALERJ, Rodrigo Bacellar (União Brasil) conseguiu uma importante vitória ao conseguir que seu partido derrotasse o candidato de Lula em Belford Roxo.

A polarização Bolsonaro versus Lula só se mostrou vitoriosa em Duque de Caxias. Nos demais municípios atribuímos a vitória ou derrota dos candidatos apoiados pela máquina municipal à avaliação dos eleitores aos governos realizados. PT não experimentou nenhuma vitória, mas a derrota dos candidatos do PL em dois redutos bolsonaristas (São João de Meriti e Magé) deu mostras da divisão da direita na região. Para as forças lulistas, apesar de não ter conseguido vitória dos candidatos de sua federação nestes municípios estratégicos, a ausência de Bolsonaro na maior parte deles sinaliza as possibilidades da entrada de outras forças nas próximas eleições.

REGIÃO SERRANA

CACHOEIRAS DE MACACU,
GUAPIMIRIM, NOVA FRIBURGO,
PETRÓPOLIS E TERESÓPOLIS



Paulo Reis⁴

Este é um boletim que compila acontecimentos finais da eleição para executivo municipal nos 5 municípios observados, com foco objetivo nos resultados, observando as tendências que foram apontadas no cenário anterior. Como Petrópolis é o único município da serrana que foi para o 2º turno, os demais serão bem mais pontuais.

A fim de ambientar essa análise, vamos incluir que o processo eleitoral de 2024 foi marcado por suspeitas de ampliação do processo de compra de voto, baseado em resultados fora das curvas tanto para legislativo quanto para o executivo, e a aparente inexpressividade na atuação da justiça eleitoral para conter esses movimentos.

Petrópolis

Para cidade imperial, a única com possibilidade de 2º turno, confirmou-se o cenário desenhado em todas as pesquisas desde a pré-campanha, com Hingo Hammes (PP) e Yuri Moura (PSOL) passando para o 2º turno. Porém, o que não se esperava foram as diferenças nos números do primeiro colocado.

⁴ Mestrando em Ciências Sociais pelo PPGCS/UFRRJ

Apenas a pesquisa da Prefab previu a alavancagem de Hingo, ainda no 1º turno. Com as demais apresentando sempre um cenário apertado entre os 3 primeiros candidatos oscilando entre os 30-20-15%, a Prefab já apontava 44% de votos válidos para o 1º, seguido por Yuri com 26% e o atual prefeito Rubens Bomtempo (PSB) com 16,9%.

O final do 1º turno marcou Hingo Hammes com 49,96%, Yuri Moura com 17,77%, Rubens Bomtempo (PSB) com 17,23%, Eduardo Blog (REP) com 12,37% e Doutor Santoro (NOVO) com 2,66%. Confirmada a tendência de um meio de campo embolado, com Yuri conquistando a segunda vaga por pouco menos de 1000 votos em relação ao mandatário atual, ao passo que a eleição só não foi decidida no primeiro turno pelo candidato do governador por menos de 100 votos.

Uma das possibilidades de interpretar esse resultado, a partir da posição do segundo colocado, foi uma prensagem contra o atual governo estadual e o atual governo municipal, além de uma divisão de um campo progressista que se estabeleceu na estrutura dos múltiplos governos Bomtempo-Mustrangi (seu vice do PT).

Enquanto Hingo “correu livre”, esvaziando alguns votos do público de Eduardo Blog, que tentou manter sua base de votação eleitoral de pleitos anteriores (candidato a deputado federal mais votado da cidade, sem conseguir entrar, e vereador eleito).

Para o segundo turno, em um movimento contraintuitivo, Eduardo Blog, do Republicanos, declara apoio ao candidato Yuri Moura, do PSOL, e participa ativamente de sua campanha: atos de rua, palanques e materiais gráficos. Já Bomtempo, com o PSB, e a federação PT - PCdoB - PV, adotam uma postura de neutralidade mais crítica à Yuri (do mesmo campo), do que à Hingo, apesar de alguns acenos ao “Hingo Não”.

A atitude do campo progressista que ficou de fora do segundo turno gerou repercussões a nível estadual e federal dos partidos, porém ficou sacramentado ali a baixa adesão do corpo dirigente municipal destes e figuras públicas locais.

Duas pesquisas foram lançadas faltando 2 e 3 dias para eleição, sendo a primeira novamente da Prefab, que apontava a vitória do candidato do PP por 72,6% x 27,4%. Com esse cenário desenhado, o pleito final marcou a vitória do vereador Hingo Hammes contra o atualmente deputado estadual Yuri Moura por 74,74% a 25,26%.

A eleição contou com quase 145 mil votos válidos, ao passo que as abstenções chegaram próximas a 90 mil (35,69%), mais 13 mil brancos e nulos aproximados, no segundo turno. Para fins de comparação com os demais municípios, o índice de abstenção no primeiro turno foi de 28,99%.

Nova Friburgo

Apesar dos números levemente fora da margem de erro para o primeiro lugar, as tendências captadas pelas pesquisas se cumpriram. Com a reeleição do atual prefeito Johnny Maicon (PL) com 64,99%, contra 18,96% de Wanderson (PDT), 10,06% de Zé Alexandre (PT), 4,22% de Louback (REP) e 1,77% de Patrick (Novo). Do boletim anterior ficou a pergunta se Johnny Maicon ficaria realmente mais de 40% acima de Wanderson, e o cenário se comprovou.

Teresópolis

Em um comparativo com o histórico das pesquisas, acertaram mais os institutos que indicavam potencial de competitividade para Julio Rocha (AGIR) e uma base acima de 10% para o candidato do bolsonarismo núcleo duro Castellar (PL). Porém, erraram ao indicar a vitória de Tricano (PP) em todas as observadas.

A briga final foi extremamente apertada, com uma diferença de 1% entre o primeiro colocado e o terceiro. E de menos de 0,5% entre o primeiro e o segundo. Leonardo Vasconcellos (UB) se elege prefeito com 28,09%, seguido por Júlio Rocha com 27,64%, Tricano em terceiro com 27,23%. Castellar fecha o pleito com 13,51% e Beique (PSOL) com 3,53%.

Cachoeiras de Macacu

Confirmando as pesquisas, o município de Cachoeiras de Macacu reelegeu Rafael Miranda (PP). O atual prefeito venceu por 87,35% dos votos, seguido pelo candidato Marquinhos (SOLIDARIEDADE) com 11,42%, e o candidato Manoel Martins (PSOL) com 1,23%. O município ainda teve uma margem de abstenção de 20,68% além de quase 6% de brancos e nulos para o executivo.

Guapimirim

Como comentário inicial, a candidatura do lanterninha do pleito, Reginaldo “Mirreis” (PT) foi indeferida. Também aqui, em Guapimirim, cenário consumado com a vitória por ampla margem da atual prefeita Marina Rocha (AGIR). Apesar de não chegar aos 90% como apontavam as pesquisas, Marina terminou o pleito com 86,12% dos votos contra o seu adversário Marlon Vivas (PDT) que ficou com os 13,88% restantes. Também nesse município vemos um índice de abstenções de 20,25%, somado a quase 8% de brancos e nulos.

Conclusão

Nos cinco maiores municípios da região serrana venceu um continuísmo da direita tradicional, ligado ao governo de estado. Apesar de Petrópolis ter rejeitado o atual governo municipal, e as pesquisas indicavam que seria rejeitado mesmo que o prefeito atual fosse para o segundo turno com o vencedor, Hingo

também representa um grupo político que dominou a cidade (vide seu vice Baninho, e a relação direta com o ex-prefeito Bernardo Rossi, de quem Baninho foi vice).

Em Teresópolis, o governo municipal Claussen (que não podia se reeleger) colocou seu representante, também simpático ao governador Cláudio Castro. Nova Friburgo, Guapimirim e Cachoeiras de Macacu reelegeram seus prefeitos que apontam uma linha igualmente de centro-direita, acenos ao governo do estado, simbolismo religiosos.

O “bolsonarismo raiz”, por outro lado, - e fechando o ciclo deste trabalho que observa se Lula e Bolsonaro subiram a serra, - pareceu estrangulado. Com dois representantes do partido Novo de baixíssimo desempenho eleitoral (Petrópolis - Nova Friburgo), dois municípios sem representante (Guapimirim - Cachoeiras de Macacu), e o “melhor” desempenho pontuando abaixo de 15% em Teresópolis.

Já a esquerda/centro-esquerda, também apresentou resultados ruins, perdendo seu único centro em Petrópolis, ainda que tenha levado o único candidato do PSOL, Yuri Moura, para o segundo turno, além de Guilherme Boulos, em São Paulo. Em Guapimirim, os partidos progressistas amargaram um indeferimento do candidato do PT, que não prometia deslanchar, e um desempenho do PDT pouco competitivo para uma eleição com dois candidatos. Um resultado eleitoralmente fraco em Teresópolis e Cachoeiras com as candidaturas do PSOL. Em Nova Friburgo, o candidato do PDT não alcançou 20%, enquanto o do PT atingiu apenas 10%.

Concluindo, é possível dizer que o Lulismo e Bolsonarismo não subiram a serra. Os projetos vitoriosos, apesar de flertarem e atuarem no campo do sentimento “anti-esquerda” mais ou menos manifesta, não reivindicavam a figura de Bolsonaro como patrono, tampouco a figura de Lula foi capaz de turbinar candidaturas do campo progressista na região serrana.

GRANDE SAO PAULO E CAMPINAS

CAMPINAS, GUARULHOS,
SANTO ANDRÉ, OSASCO
SÃO BERNARDO DO CAMPO



Leonardo Schäffer⁵

Guarulhos

O segundo turno na cidade de Guarulhos foi marcado por um amplo favoritismo do candidato do PL, Lucas Sanches, em relação a Elói Pietá, do Solidariedade, que liderou as intenções de voto no primeiro turno. O crescimento de Sanches pode ser entendido a partir de um racha tanto no campo progressista quanto no campo da direita. Apesar de ser o candidato do PL à prefeitura, Sanches não obteve apoio de Bolsonaro no primeiro turno, com o ex-presidente apoiando a candidatura de Jorge Wilson Xerife do Consumidor, do Republicanos, que também era apoiado pelo governador Tarcísio de Freitas e o prefeito Guti. A razão disso seria o fato de Lucas Sanches não ter apoiado Jair Bolsonaro para presidente em 2022 por decisão de seu antigo partido, o Progressistas, o que teria levado Bolsonaro a não se comprometer com sua candidatura nesta eleição. Entretanto, Jorge Wilson não foi para o segundo turno, ficando em terceiro lugar com 20,12% dos votos válidos. O campo progressista também entrou dividido na disputa: além do racha no diretório municipal do PT, que culminou na saída de Elói Pietá do partido e sua subsequente filiação e candidatura pelo Solidariedade, tanto PT, PDT e PSB lançaram candidaturas próprias. O candidato petista Alencar Santana ficou em quarto lugar, com 9,67% dos votos válidos, sendo o pior resultado eleitoral do PT na cidade em mais de vinte anos.

⁵ Graduando em Ciências Sociais na UFRJ

Ao longo da campanha, Lucas Sanches pareceu se inspirar na candidatura de Pablo Marçal na capital, antagonizando com as demais candidaturas ressaltando aspectos de si: em relação a Elói Pietá, ex-prefeito de 80 anos de idade, ele era o jovem vigoroso, com disposição de correr os quatro cantos da cidade e que não pertencia à “velha política”; contra Jorge Wilson Xerife do Consumidor, o candidato da continuidade, se colocava em oposição à gestão de Guti na prefeitura e se apresentava como o novo, o futuro; e quanto ao candidato petista Alencar Santana, se colocava como o anti-PT. Assim, Sanches soube aproveitar o cenário de racha nos dois campos, atraindo os votos de Jorge Wilson e explorando o antipetismo que afetava as candidaturas de Elói Pietá e Alencar Santana. Na última pesquisa eleitoral publicada pela AtlasIntel antes do primeiro turno, publicada dia 3 de outubro, o prefeito Guti aparecia com alta rejeição, e a segmentação demográfica sinalizava uma divisão no eleitorado de direita. O perfil de “político tradicional” de Jorge Wilson, deputado estadual e líder do governo Tarcísio na ALESP, somado à alta rejeição de Guti, que o apoiava, pode ter contribuído para uma migração de votos de direita para Sanches, que ficou em primeiro lugar no primeiro turno, contrariando as pesquisas.

No segundo turno, Sanches passou a liderar as pesquisas de intenção de voto, o que pode ser explicado pela própria polarização, com Jorge Wilson fora de cena e uma disputa contra um candidato recém saído do PT. Na pesquisa divulgada pelo Paraná Pesquisas no dia 17 de outubro, Lucas Sanches marcava 52,3% e Elói Pietá 37,4% na estimulada. A pesquisa também apontava uma alta rejeição a Pietá, que marcava 47,6%, em comparação a Sanches com 33%. A última pesquisa do instituto Real Time Big Data, divulgada no dia 25 de outubro, também confirmava a tendência: Sanches marcava 54% contra 37% de Pietá na estimulada. Além disso, no segundo turno, ambos os candidatos obtiveram apoios tímidos de outras lideranças e candidaturas: Bolsonaro e Tarcísio fizeram apenas uma breve declaração apoiando Sanches em entrevista, e Jorge Wilson

sequer declarou apoio; Lula em nenhum momento declarou apoio a Pietá no segundo turno, enquanto Alencar Santana o fez em apenas um vídeo nas suas redes sociais. Com isso, a polarização que se observou estava ligada mais ao projeto político que cada um dos candidatos representava na cidade do que por serem os candidatos de Lula ou Bolsonaro. De um lado, Sanches se apresentava como o candidato do futuro, jovem e vigoroso, e do outro Pietá se colocava como o candidato da experiência, com trabalho de décadas, relembrando feitos de sua gestão entre 2001 e 2008. O resultado acabou por confirmar a tendência apontada nas pesquisas, com Sanches vencendo com 58,55% dos votos válidos, contra 41,45% que votaram em Elói Pietá.

São Bernardo do Campo

O segundo turno em São Bernardo do Campo foi disputado pela direita tradicional, entre Marcelo Lima e Alex Manente, dois políticos conhecidos da cidade. Alex Manente, do Cidadania, é deputado federal, já foi vereador, deputado estadual e disputou a prefeitura três vezes. Marcelo Lima foi do mesmo partido de Manente até 2016, quando se filia ao Solidariedade e disputa a vice-prefeitura na chapa de Orlando Morando (PSDB) contra Manente, a chapa sai vitoriosa e se reelege em 2020. Marcelo Lima deixou o Solidariedade em 2018, migrou para o Patriota por apenas alguns meses antes de se filiar ao PSD, visando se lançar deputado federal, cargo que não conseguiu se eleger. Lima se reelege vice-prefeito em 2020 pelo PSD, mas retorna ao Solidariedade em 2022 para tentar novamente se candidatar a deputado federal, dessa vez conseguindo se eleger. Em 2023 assume como deputado federal, deixando a vice-prefeitura, e se filia ao PSB. O Solidariedade entra com uma ação de perda de mandato por infidelidade partidária no TSE, alegando que Lima deixou o partido sem justificativa, tendo disputado a eleição anterior utilizando a estrutura e fundo

partidários, e Lima tem o mandato cassado pelo tribunal. Em 2024 se filia ao Podemos para encabeçar a chapa para prefeito de São Bernardo do Campo, na perspectiva de ser a continuidade da gestão de Orlando Morando, do qual foi vice até o final de 2022. Porém, Orlando apoiou a candidatura da sobrinha, Flávia Morando (UNIÃO), e a campanha eleitoral teve então duas candidaturas que reivindicavam ser a continuidade do trabalho feito ao longo das duas gestões de Orlando.

As pesquisas eleitorais do primeiro turno foram marcadas pelo empate técnico quádruplo entre as candidaturas de Marcelo Lima (PODE), Alex Manente (CD), Flávia Morando (UNIÃO) e Luiz Fernando (PT). A última pesquisa do Paraná Pesquisas antes do primeiro turno, publicada no dia 1 de outubro, já mostrava na estimulada uma diferença pequena, mas que se confirmou no segundo turno: Marcelo Lima liderando com 25% das intenções de voto, seguido de Alex Manente com 22,8%, Luiz Fernando com 21,5% e Flávia Morando com 19%. A mesma pesquisa aponta Luiz Fernando e Flávia Morando liderando a rejeição, respectivamente com 32,4% e 30,4%, enquanto Lima e Manente marcavam 21,8% e 20,8% de rejeição respectivamente. O resultado do primeiro turno confirmou a tendência: Marcelo Lima e Alex Manente foram para o segundo turno, com 28,64% e 26,53% dos votos válidos respectivamente, seguidos de Luiz Fernando e Flávia Morando, com 23,09% e 21,38% cada.

No segundo turno, Marcelo Lima recebeu o apoio de Orlando e Flávia Morando, além de vários vereadores eleitos, inclusive do PT, como Ana do Carmo e Getulio do Amarelinho. Alex Manente, apesar do apoio tímido de Jair Bolsonaro no primeiro turno, através de vídeo divulgado pelo seu candidato a vice-prefeito, afirmou em sabatina na Veja que não era bolsonarista e se disse independente e sem padrinho político. Nesse sentido, Manente fez uma campanha apostando em seu próprio capital político, de histórico como candidato à prefeitura e no legislativo, enquanto Marcelo Lima se apresentava como a continuidade da

gestão de Orlando Morando, com a experiência de quem foi vice nos dois mandatos. A última pesquisa para o segundo turno do Paraná Pesquisas, publicado no dia 23 de outubro, mostrava Marcelo Lima com 56% e Alex Manente com 44% na estimulada. A mesma pesquisa mostrava Lima com uma rejeição de 38,5% contra 47,9% de Manente. O resultado confirmou a tendência da pesquisa: Marcelo Lima venceu com 55,74% dos votos válidos, e Alex Manente ficou com 44,26%.